

O ESTUDO DA PERCEPÇÃO EM ESPAÇOS URBANOS PRESERVADOS

Luciene de Jesus Maciel da Silva (Mestranda em Gestão Ambiental - CDS*/UnB)
Ione Egler (Professora Dr^a. Orientadora - MCT**/CDS)

Resumo

A vida urbana é complexa e alicerçada sobre diversos conflitos e problemas graves que afetam a qualidade de vida de seus habitantes. Esses problemas foram o resultado do processo de consolidação das áreas urbanas como espaço importante para a expansão do capitalismo e reprodução da vida social.

Os espaços verdes urbanos surgiram para minimizar as tensões da vida citadina. Essas áreas são o resultado de um imaginário burguês que buscava amenizar os problemas sociais e ambientais urbanos que se tornaram extremamente graves.

Os conflitos e problemas urbanos comportam dimensões éticas, sociais, filosóficas, físicas, culturais e econômicas. Compreendê-los em sua totalidade é uma tarefa árdua. Assim, o enfoque central deste estudo é compreender a dimensão psicológica de um aspecto urbano: *a escolha de uso de um espaço para a preservação.*

Como as pessoas escolhem tipologias de uso para um espaço urbano? Que tipo de mecanismos elas utilizam para fazerem tal escolha? Essas foram as questões de partida para delimitar como se processa a percepção das pessoas sobre parque urbano. Esse espaço é aqui considerado um uso do solo urbano, que como tantos outros, apresenta-se conflituoso. Para isso, este estudo buscou realizar um breve apanhado teórico sobre como se processa a percepção social de modo a buscar o principal imaginário que se formou em torno de áreas protegidas no meio urbano.

INTRODUÇÃO

As proposições relativas à importância do estudo da percepção sobre áreas protegidas foram, inicialmente, propostas pela Unesco (1973), num programa intitulado “L homme et la biosphere” - MAB ou “O homem e a biosfera”. Esse estudo preocupa-se em compreender a percepção que moradores locais possuem sobre áreas protegidas, uma vez que, em muitos casos, há uma não aceitação dos moradores locais sobre essa escolha de uso dos espaços da sua vida cotidiana.

Isso por que muitos projetos e programas de implantação de áreas protegidas têm um modelo de concepção “top down”, ou seja, os planejadores, burocratas e políticos que criam áreas protegidas não contemplam em suas decisões as opiniões das comunidades locais sobre tais projetos. Predominando, apenas, a percepção desses tomadores de decisões institucionais sobre o problema. Como resultado, as políticas de criação de áreas protegidas acabam desconsiderando os impactos negativos da mudança de destinação de áreas sobre a comunidade local e acreditam, muitas vezes, que vão gerar apenas impactos positivos com suas ações (Diegues; 1993).

Para se minimizar a distância entre a percepção do planejador e da comunidade que acabam gerando conflitos diversos é necessário se entender quais os mecanismos que formam a percepção dos indivíduos sobre algo. Entretanto, não existem muitos estudos sobre a percepção de áreas urbanas preservadas e a relação entre os atores no processo de destinação de uma área para tal uso. Tentativas

* Centro de Desenvolvimento Sustentável

** Ministério de Ciência e Tecnologia

são, principalmente, focadas apenas para um grupo- comunidade ou institucional- e não para o seu relacionamento.

Finalmente, a tarefa desse estudo é abordar como a percepção se processa teoricamente para, tão somente, fazer um apanhado das principais imagens que, ao longo da história, se configuraram na sociedade referente a áreas verdes nas cidades.

Natureza da Percepção Social

Como seria útil saber como as pessoas pensam? Sob quais mecanismos grupos sociais escolhem alternativas? E que tipo de conhecimento esses mesmos grupos possuem sobre algo? Por anos a psicologia social, a sociologia, a antropologia, a economia e as ciências afins vêm tentando compreender por que as pessoas possuem determinados comportamentos ou como elas escolhem sobre alternativas. No entanto, é nos anos 70 que esses estudos se intensificam no campo científico sempre buscando determinar a relação dos problemas humanos com o centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem o comportamento humano (TUAN, 1980).

Compreender os campos da percepção não é tarefa de um único campo do conhecimento, por exemplo, não é uma tarefa dirigida apenas à psicologia social. Teorias sobre percepção encontram-se em diversas áreas e possuem enfoques diferenciados sobre o que venha a ser percepção. Para ilustrar, podemos citar as obras de Tuan (1980), Kunda (1999), Del Rio (2001), Chauí (1996) e Unesco (1977), cada um desses autores enfocam aspectos específicos e diferenciados da percepção social. Contudo, todos reconhecem o papel das sensações e dos sentidos na formação da percepção.

A sensação é o que nos dá as qualidades dos objetos e os efeitos internos dessas qualidades sobre nós. Para termos sensações necessitamos dos sentidos-visão, paladar, olfato, audição, tato. E é desse conceito que retiramos o conceito de percepção que é, para Chauí (1996), **as sínteses das sensações**.

A percepção nos permite formar idéias, imagens e compreensões do mundo que nos rodeia. Essa visão se aproxima do conceito da Unesco (1977) em que a percepção é “ a maneira pela qual o homem sente e compreende o meio ambiente, (natural o ou citado por ele)” e avança no sentido que considerar os fatores culturais como importantes para a formação da percepção.

Três grandes concepções sobre a sensação e a percepção influenciam vários trabalhos sobre a percepção: a empirista, a intelectualista e a fenomenológica.¹

Para os empiristas, a sensação e a percepção dependem de estímulos externos e o indivíduo é um ser passivo. A percepção é meramente uma organização das sensações pontuais e independentes umas

¹ A divisão das correntes de pensamentos sobre percepção foi proposta no trabalho de Chauí (1996).

das outras, sendo que a repetição dessas sensações é a base para o conhecimento, sem repetições de sensações não é possível conhecer. Por exemplo, é como se nós processássemos fenômenos sem fazer correlações e conhecendo parcialmente coisas.

Os intelectualistas acreditam que a sensação e a percepção dependem do sujeito do conhecimento e a coisa exterior é apenas a ocasião para que tenhamos sensação ou a percepção. Neste caso o sujeito é ativo e a coisa -sentida e percebida – é passiva. “A passagem da sensação para a percepção, é neste caso, um ato realizado pelo intelecto do sujeito do conhecimento, que confere organização e sentido às sensações” (Chauí, 1996:120).

Por fim, os fenomenologistas pregam, ao contrário das correntes anteriores, que não existem diferenças entre percepção e sensação, pois ambas se processam ao mesmo tempo. Quando vimos um cavalo sentimos/percebemos ele ao mesmo tempo e fazemos correlações entre todos os seus significados. Por isso,

“O cavalo percebido não é um feixe de qualidades isoladas que enviam estímulos aos meus órgãos dos sentidos (como suporia os empiristas), nem um objeto indeterminado esperando que meu pensamento dia às minhas sensações: Este objeto é um cavalo” (como suporia os intelectualistas). O cavalo – percebido não é um mosaico de estímulos exteriores (empirismo), nem uma idéia (intelectualismo), mas é, exatamente, um cavalo-percebido” (Chauí, 1996:121).

Tomamos como premissa básica, neste estudo, a concepção de percepção na visão dos fenomenologistas. Acredita-se que a percepção é formada por dois mecanismos que se complementam, são eles os sentidos e a cognição. Tais mecanismos são influenciados por fatores externos e internos aos indivíduos. Por exemplo, um cego não pode possuir percepções do mundo igual a uma pessoa que detém a visão, até por que os estímulos externos são captados pelos sentidos - audição, visão, tato, olfato, paladar. Não que um cego, por isso, possua uma percepção reduzida, mas dado a sua dificuldade de visualização ele poder utilizar outros sentidos, que o permitirá ter outras sensações da realidade e por isso interpretá-la de um outro modo.

Visto isso, a percepção é um processo ativo da mente, em que se é possível interpretar o mundo. Sendo que, há uma contribuição da inteligência no processo perceptivo, que é mediada pela motivação, pelos valores éticos, morais, interesses, julgamentos e expectativas daqueles que percebem. Para Del Rio (2001) existem atributos específicos para a formação da realidade percebida (Fig.1)

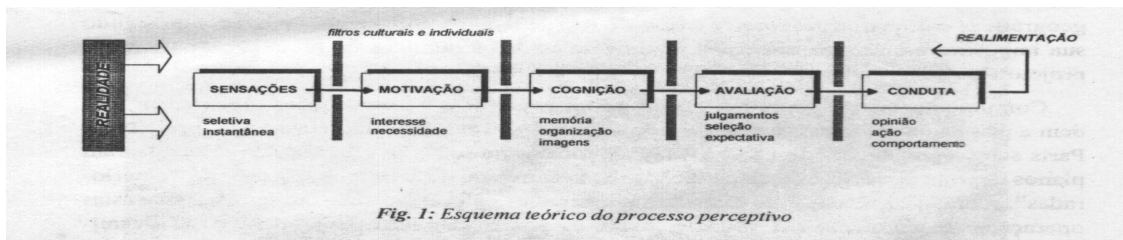


Fig. 1: Esquema teórico do processo perceptivo

Fonte: Del Rio (2001)

A percepção possui as seguintes características: é o conhecimento sensorial de totalidades e que são dotadas de sentido; é uma vivência corporal; demonstra a relação do sujeito com o exterior; através do seu conhecimento podemos delimitar qualidades para o mundo; envolve nossa história pessoal; é uma conduta vital, uma comunicação; é uma interpretação de coisas e objetos que nos rodeiam; envolve valores sociais; nossa vida social. Assim, os significados e os valores das coisas percebidas decorrem de nossa sociedade e do modo como nela as coisas e as pessoas recebem sentido, valor ou função.

Em fim, o estudo da percepção pode revelar as idéias ou imagens e as impressões que grupos possuem sobre algo, considerando que possuímos necessidades, valores, interesses e expectativas. É com esse entendimento sobre percepção que, com um amplo estudo bibliográfico, foi possível delimitar as principais percepções ou imagens de parques urbanos (áreas protegidas no meio urbano), assumidas ao longo de sua história.

Movimento de volta à natureza

A imagem de natureza é indescritivelmente complexa, traçar todos os fatos e fenômenos que engendram uma mudança de concepção de natureza necessitaria de um árduo trabalho histórico. Importante frisar que a percepção de natureza predominante na sociedade industrial, científica e capitalista determinou sua relação com a natureza. Contudo, para Thomas (1983) e Smith (1988) é no seio dessa sociedade que surge uma nova percepção de natureza, denominada natureza poética, originada na população citadina intelectual. Essa classe passa a questionar os não benefícios sociais das alterações crescentes no mundo natural, surgindo, assim, novas relações da sociedade com a natureza.

Tais mudanças eram apenas aspectos de uma modificação mais ampla que ocorreria na sociedade industrial emergente. Faziam parte de todo um complexo de mudanças que, em fins do século XVII, contribuíram para destronar muitas concepções estabelecidas para criar novas sensibilidades, de um tipo que foi se tornando mais e mais intenso.

Nesse cenário a ciência possuía algum domínio sobre a natureza, e a natureza que era ameaçadora passara a ser fascinante. Isso porque, vários estudos sobre fauna e flora começam a serem

desenvolvidos na sociedade intelectual Européia.², surgindo daí o movimento *de volta à natureza* transformando a concepção de natureza como algo obscuro em algo magnífico e possível de ser descoberta.

Cidade ou campo? Foi um dos dilemas humanos que emergiram na sociedade pós-industrial. A cidade era o berço da poluição do ar e sonora e dos maus costumes e o campo passara a ser um local desejado, uma vez que possuía ar fresco e tranqüilidade. É neste repertório de acontecimentos que surge a valorização do campo e a criação de parques urbanos. A concepção predominante não era mais de uma natureza externa, mas de uma natureza universal e romântica. Porém, essa não rompe todos os processos de dominação da natureza da sociedade capitalista e industrial emergente, mas incita a necessidade da conservação dos elementos da natureza para o bem-estar da sociedade. É com essa nova percepção de natureza que surge novas necessidades de preservação de áreas para a manutenção da qualidade de vida. Em especial na cidade onde cada vez mais o fluxo populacional se tornava intenso e problemático.

Parques Urbanos e seus símbolos

Ao trilhar a história da criação dos parques Kliass (1993:19) define os parques urbanos como “espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente cobertura vegetal, destinados à recreação”. Os espaços verdes foram uma parte importante da vida na Grécia Antiga- os espaços verdes eram o mundo paradisíaco, jardins dos Deuses. Entretanto, os parques surgem como fato urbano de relevância, apenas no final do século XVII, na Inglaterra, atingindo seu pleno desenvolvimento quase cem anos depois, principalmente relacionado à qualidade de vida urbana. É nos anos de 1850 e 1860, que os parques ganham corpo na Europa, inicialmente nos planos urbanístico da França, idealizado pelo Barão Georges-Eugéne.

A fonte de inspiração do parque urbano foi o modelo paisagístico dos jardins ingleses do século XVIII, que tiveram origem nas idéias românticas de volta a natureza, como já foi exposto, sendo que dois fatos marcaram a criação dos primeiros parques: um foi à abertura dos jardins do palácio ingleses ao público; outro se deve aos empreendimentos imobiliários promovidos pela iniciativa pública e privada, esses agentes viram na criação dos parques bons empreendimentos.

Alguns intelectuais, em seus relatos, mostram a visão romântica e utilitarista em torno dos parques, uma concepção de espaços importantes para amenizar o meio citadino Como afirma Frederick Law em 1858:

² Tais estudos, também, influenciaram os trabalhos e a percepção americana sobre natureza.

“Melhoramentos da área, no entanto, dirigidos para algo mais do que meramente atender às condições urbanas, especialmente para a formação de uma categoria oposta de condições saneadoras das influências urbanas... Duas classes de melhoramentos deveriam se planejadas com este propósito: uma dirigida a assegurar ar puro e integral para atuar nos pulmões; outra, para atuar como paliativos, por impressões na mente e estimulando a imaginação”. (citado em Kliass 1993:20)

Esse modelo de criação de parques vigorou nas sociedades européia e americana, um surto de modelos de urbanização baseados em ideologias socializante em que os parques ganham grande importância e uma nova linguagem que corresponde à tendência da melhoria dos espaços citadinos.

Há uma crescente necessidade de espaços livres, pois há um aumentando da longevidade, da mobilidade e do tempo de lazer da população do século XX. Qual o significado de parque para a sociedade capitalista? Quais foram suas funções?

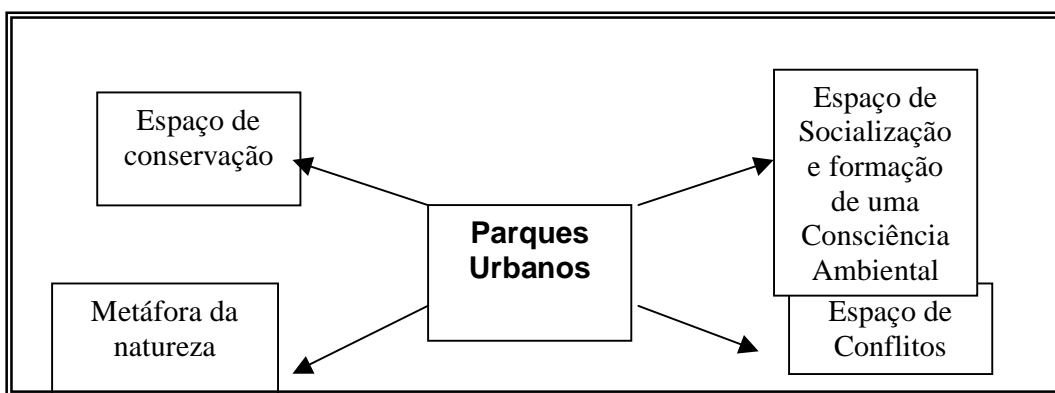


Figura 2- Significados de Parque Urbano

assumido ao longo de sua história.

Parques como metáfora da natureza

A partir do século XVI os jardins e os parques públicos são o resultado da transformação do imaginário da natureza em hostil para um plano de espírito-culto religioso da natureza. Em especial, os parques passam a serem fragmentos da natureza no meio urbano, uma espécie de espaços congelados da ecologia. Nos quais os homens atenderão suas necessidades instintivas vinda nos nossos ancestrais primatas, sendo que os animais humanos enclausurados, podem emergir das cavernas de suas salas para passeios (Browne & Whitener 1971:14). Essa é uma visão romântica, que se estabeleceu a partir de uma mudança de mentalidade ocidental sobre a importância da conservação, que vê nos grandes espaços naturais o alívio dos problemas da cidade.

Tais espaços livres refletem a natureza como um espetáculo, como espaço de devaneio íntimo. Que vai servir para cultivar a paisagem, mediante uma visão artística. Se eram nestes espaços que a

natureza se mostrava, eram também nestes espaços a possibilidade de desvendá-la. Segawa (1996) afirma que esse imaginário faz alastrar-se a quantidade de parques, que originalmente eram bosques cercados para a formação de reservas de caça. O parque paisagístico vai ao encontro dos padrões estéticos que a burguesia passa a valorizar para o seu usufruto, essa visão é predominante nos séculos XVII e XIX.

Espaço de socialização e conservação

O símbolo principal que se desenvolveu em torno dos parques foi o de grandes espaços que poderiam aliviar os problemas da cidade e romper a situação citadina de estresse. E de fato os parques implantados na Europa e nos EUA tiveram esse papel, Granz (1982:8) afirma “os parques são concebidos como grandes áreas de prazer e usurpação são pedaços do campo, com ar fresco, lagos, brincadeiras.”

Além disso, os parques tinham como função principal de socialização da vida cotidiana. As pessoas poderiam caminhar, se encontrarem, se conhecerem e se relacionarem. Era, também espaço de descanso que compensaria as horas de excessivo trabalho, por horas de ócio, e é nesta perspectiva que os parques poderiam também otimizar o trabalho semanal.

Vários autores entre eles Granz (1982), Kliass (1993) falam da importância dos parques para a saúde pública e mental. A busca de um bem-estar psicológico da população, através da musicalidade e na organização visual da paisagem. As pessoas poderiam melhorar suas habilidades sinestésicas corporais, e desenvolver os sentidos de direção, distância e outros.

Na sociedade americana, tão contaminada com os valores competitivos e individualistas do sistema capitalista. Os parques tiveram o papel de reavivar certos valores relacionados com a vida em comunidade, com a vida do adolescente, do pobre e grupos étnicos, fazendo dos moradores bons cidadãos, com consciência social e o sentimento de democracia (Granz, 1982). Cabe ressaltar que, num primeiro momento os parques eram espaços utilizados pelas classes média e alta, pois eram antigos jardins privados, por exemplo, os ricos Nova Iorque promoviam carreatas no Central Park de passeios a cavalo. Entretanto, ao se tornarem espaços públicos houve uma socialização maior desse espaço, em que eram desenvolvidos jogos dos mais diversos, inclusive os sexuais - encontros dos amantes.

Os parques urbanos, também, são espaços importantes para a conservação dos elementos da natureza em duas perspectivas: uma é a real, dado que os parques funcionam como “preventivos” de danos ambientais, pois se mantém atributo natural de uma dada localidade e; outra é a potencial, uma vez que a manutenção desses elementos é importantes para amortecer ruídos, embelezar o ambiente, melhorar o microclima local quanto à umidade e insolação, ajudar no controle de erosão, melhorar a qualidade do ar, proteger mananciais e outros.

Espaço de conflitos

As cidades são criadas sob a ruptura do sistema feudal e no surgimento de uma lógica capitalista. A formação do capitalismo e a transformação da terra em mercadoria são fenômenos que fizeram com que surgissem os grandes aglomerados urbanos. Esses aglomerados eram tão somente suportes para o desenvolvimento capitalista.

A lógica capitalista tem como fundamento principal a maximização do lucro e a cidade se forma com essa tarefa: otimizar o lucro, através da alocação dos bens e serviços importantes para a reprodução do sistema. Corrêa (1995:7) afirma que “o espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si e esses espaços são reflexo das escolhas de usos promovidos pela sociedade e seus grupos”.

No sistema capitalista a cidade se tornou um fenômeno que aglutina em torno de 80% da população mundial e acabou se tornando um espaço condicionante da sociedade, pois viabiliza a continuidade da sua produção; é também, local de relacionamento das classes sociais ou grupos e por isso tem uma dimensão simbólica, uma vez que envolve o cotidiano; é cenário e objeto das lutas sociais cujos grupos sociais visam os seus direitos.

A ocupação desordenada do espaço urbano provou-lhe vários problemas ambientais e sociais. Os parques surgiram como possibilidade de amenizar esses problemas, entretanto, nem todos os grupos ou atores que se apropriam e se reproduzem no espaço urbano são adeptos desta idéia. Por exemplo, como cita Granz (1982), no caso do Central Park e outros parques americanos quase foram inviabilizados por interesses de madeireiros e grandes construtoras, assim certas considerações econômicas e políticas podem ocasionar a mudança de destinação de área de parques.

Os parques urbanos são, tão somente, uma escolha de uso do espaço urbano entre tantas outras escolhas que podem ser áreas residenciais, comerciais, industriais e outras. Que muitas vezes disputam espaços para acontecerem. São essas escolhas que se formam os conflitos, dado que os grupos que se reproduzem no meio urbano não compartilham de interesses e necessidades comuns. Correia (1995:10) é enfático ao lembrar que

“A complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas aos espaços urbanos, diversificação do uso do solo, deteriorização de certas áreas, renovação e etc.”.

Tal fato ocorre em inúmeras áreas destinadas a implantação de parques, pois o espaço urbano é uma teia de usos que dependendo dos arranjos e interesses dos atores podem ser viáveis ou não. As áreas verdes nos espaços urbanos encontram dificuldades, pois os espaços livres enfrentam uma intensa pressão

da urbanização acelerada, por exemplo, no caso brasileiro, a população urbana dobrou em 46 anos. E muitas vezes, mesmo com toda a sua importância tornam-se inviáveis frente aos interesses econômicos dos atores que atuam na organização do espaço urbano. À medida que se estrutura o arranjo dos atores no meio urbano, sua alocação de poder e produção dos seus interesses frente a outros acirram-se os conflitos. Espaço de disputas, essa é a percepção moderna de áreas destinadas aa parque urbanos, principalmente onde eles ainda não existem, pois se encontram apenas sob forma de lei.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma crescente tendência em se estudar a percepção de populações referentes a temas diversos. Em áreas protegidas essa abordagem tem sido cada vez mais requisitada em planos e projetos de implantação de parques e outros tipos de reservas. Acontece que, o estudo da percepção não possui uma única abordagem e nem um campo metodológico estruturado.

O conhecimento das percepções como um campo em descoberta pode determinar sentimentos, idéias, necessidades, expectativas e interpretação da sociedade sobre a sua realidade daqueles conjuntos de fatos e relações que a envolve. No caso deste ensaio, essa visão de percepção pode nos mostrar o imaginário que se formou em torno de parques urbanos.

A compartimentação destas imagens de parque como local de socialização, metáfora da natureza, espaço de conflitos, pode ser compartilhada socialmente pelo mesmo grupo. Por exemplo, um grupo de moradores de uma mesma localidade pode ter essas imagens sobre um parque que possivelmente viesse a se instalar próximo a suas residências.

Sem dúvida, se através do estudo da percepção conseguíssemos determinar todas imagens negativas sobre áreas percebidas, poderíamos trabalhar para a implantação e criação de imagens e percepções positivas, sempre enfatizando os benefícios sociais de tais espaços. Acontece que, cada grupo social possui imagens diferentes, por que também possuem realidade e sensações diferentes e esse é um ponto central a ser levado em constante questionamento sobre as diferenciações das percepções.

BIBLIOGRAFIA

- CORREA, R.L. **O Espaço Urbano**. Série Princípios. Editora Ática: São Paulo. 1995, 85p. CHAUI, M. **Convite à filosofia**. Editora Ática. São Paulo. 1996. 440p.
- DIEGUES, A. C. S. *Populações Tradicionais em Unidades de Conservação: O mito Moderno da Natureza Intocada*. Série: Documentos e Relatórios de Pesquisa, nº 1. São Paulo, março de 1993.89p.
- GRANZ, G. **The Politics of Park Desing: A History of Urban Parks in America**. The Mit Press. Cambridge, Massachurtts: London, England. 1982.344p.
- RIO, Vicente del. *Cidade da Mente, Cidade do Real: Percepção Ambiental e Revitalização na Área Portuária do RJ*. In: OLIVEIRA L. de & RIO V. d (orgs.) **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**, Editora da UFSCar, Studio Nobel: São Paulo, 1996. pp.3-22.
- SMITH, N. *A Ideologia da Natureza*. In: **Desenvolvimento Desigual**, Editora Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1988. pp. 27-62.
- THOMAS, K. **O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. Editora Companhia das Letras: São Paulo, 1988. 454 p.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia- Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980. 288p.

UNESCO/MAB. Environmental Perception: Regional Seminar for Latin America and the Caribbean. Montevidel: Regional Office for Science and Technology for Latin America na Caribbean, UNESCO, 1985.